REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 47
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
arte educação E PERFORMANCE

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, ARTE E FOTOGRAFIA – UMA PERSPECTIVA ESTÉTICA DE NATUREZA NO PAMPA

Renata Lobato Schlee
Paula Corrêa Henning
Cleber Gibbon Ratto

Resumo: Este artigo busca analisar como se fabrica um discurso de natureza no Pampa do Rio Grande do Sul, Brasil; e Uruguai; região sul da América do Sul. Discute-se a relação entre natureza e cultura problematizando os enunciados e visibilidades de entrevistas e imagens produzidas por "fotógrafos de natureza" do Brasil e do Uruguai. A partir do campo teórico escolhido, declara-se o que se entende por arte e de como a fotografia participa de construções discursivas. No foco de uma educação ambiental pelo viés das experiências estéticas, tensiona-se o *corpus* discursivo, estimulando um agir sobre nossas relações natureza-cultura. O propósito do texto é provocar e desafiar o impensado e, quem sabe, transvalorar o que está dado como verdade instituída nesse campo. Para tanto, percorremos os caminhos teóricos de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari e Friedrich Nietzsche.

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Arte; Natureza; Cultura; Fotografia.

ENVIRONMENTAL EDUCATION, ART AND PHOTOGRAPHY – AN AESTHETIC PERSPECTIVE OF NATURE IN PAMPA

Abstract: This paper seeks to analyze how a discourse of nature is made in the Pampa of Rio Grande do Sul, Brazil; and Uruguay; southern region of South America. The relationship between nature and culture is discussed, problematizing the statements and visibility of interviews and images produced by "nature photographers" from Brazil and Uruguay. From the chosen theoretical field, it is declared what is meant by art and how photography participates in discursive constructions. In the focus of environmental education through the bias of aesthetic experiences, the discursive corpus is tensioned, stimulating an action on our nature-culture relations. The purpose of the text is to provoke and challenge the unthinkable and, who knows, to devalue what is given as an established truth in this field. For this, we followed the theoretical paths of Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari and Friedrich Nietzsche.

Key words: Environmental Education; Art; Nature; Culture; Photography.

Introdução

Pensar com a arte, potencializar modos de vida e compor a articulação entre arte, filosofia e educação impulsionam a escrita desse texto. Realizamos isso a partir de um recorte em uma pesquisa maior que buscou articular a Educação Ambiental à arte, tendo como principal objetivo analisar como se fabrica um discurso de natureza

no Pampa[1] do Rio Grande do Sul, Brasil; e Uruguai; região sul da América do Sul, muito caracterizada pela figura peculiar do gaúcho ou *gaucho*[2]. Esta investigação se desenvolveu junto ao Grupo de Estudos xxx (caso o artigo seja aprovado, identificaremos o grupo de pesquisa), nos caminhos da análise do discurso de Michel Foucault e na articulação com autores como Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze e Felix Guattari.

Para o artigo em questão, escolhemos duas fotografias e trechos de entrevistas que trazemos só a forma de problematizações que impulsionam o pensar/criar acerca do tema. Trata-se de um movimento provocativo ao pensar sobre como vimos constituindo nossas relações entre o que tomamos por natureza e cultura. Investigando a fabricação de um discurso de natureza no Pampa do Brasil e do Uruguai sobre o olhar da educação ambiental, percebemos diferentes representações dessa natureza, algumas passando a ser mais válidas do que outras. O sentido aqui é entender os atravessamentos da arte, e mais particularmente da fotografia, na composição de um tipo particular de natureza no Pampa.

Nesse jogo de verdade e suas relações de poder implicadas, a questão está em como se fabrica uma natureza no Pampa. Abre-se, assim, um campo de possibilidades para a educação ambiental enquanto potência do pensamento, como nos ensina Foucault (2002). Problematizamos como se constitui um discurso através do visível e do enunciável e damos visibilidade a isso, por meio da problematização como método. Evidenciamos algumas condições de possibilidades e atravessamentos aí colocados, destacando algumas relações de poder que participam de tal construção narrativa.

1O Pampa, enquanto território geográfico compreende parte do Brasil, no Rio Grande do Sul, parte da Argentina e todo o Uruguai. Para fins dessa pesquisa, o consideramos para além das fronteiras de uma regionalidade política, linguística e geográfica (três países; duas línguas; paisagens e formações endêmicas). Aqui expressamos uma marcação entendida em sua territorialidade nos caminhos de Deleuze e Guattari (1992) que nos ensinam sobre os atravessamentos entre as subjetividades e objetividades que implicam o pensar sobre modos de existência.

2Sujeito cultural que vai se constituindo, que marca, modifica e fabrica, a si mesmo e seu ambiente, o ambiente do Pampa. O sujeito gaúcho se constitui e constrói seu ambiente, influenciado e atravessado pelas condições de possibilidade de seu próprio tempo como uma invenção, como um ser que se fabrica e é fabricado ao mesmo tempo. Sobre os olhos da história, entendemos a constituição desse sujeito e o discurso de natureza construído por ele, nas evidências dos modos em que esse sujeito do Pampa constitui o que entende e percebe por Natureza, entrelaçando passado e presente.

Nisto, trazemos a arte que pode ser entendida como uma provocação política em que os sujeitos se fabricam a partir das relações com os discursos instituídos. Nas experiências estéticas com as questões socioambientais, assentamos a educação ambiental enquanto um olhar possível para problematizar os discursos de natureza, cultura e ambiente, e seus efeitos.

Com isto, convidamos à leitura deste artigo que se propõe a pensar a educação, e mais especificamente a educação ambiental, na problematização de uma formação discursiva de natureza no Pampa a partir da prática cultural da fotografia enquanto experiência estética.

Arte – perspectiva estética com/na vida

Tentamos, através deste artigo, escapar das possibilidades únicas de ler e entender o mundo e procuramos outros ângulos que ajudem a pensar sobre o problema em questão. Como disse Deleuze (2010, p. 124), “é preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades”. Pegar as coisas, pensar sobre elas, pensar sobre o pensado sobre as coisas, na preocupação constante de buscar o maior campo de visibilidades possível; pensar e extrair os jogos e as vontades de poder que organizam saberes e interessam ao estudo, numa perspectiva foucaultiana de análise do discurso.

O discurso, portanto, é tomado aqui como prática social, se fabricando através das forças de poder exercidas. Não reside na mentalidade nem na consciência de ninguém, mas é força constituinte e constituída por todo um campo discursivo, que precede e excede o sujeito. Fischer (2012, p. 75) nos diz que o discurso “apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria”. Importante ressaltar que sempre estamos inseridos em relações de poder e saber, em um vai-e-vem constante de forças discursivas e não discursivas que vão constituindo nosso mundo e o atualizando. Segundo Michel Foucault, “[...] Chamamos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; […]. (FOUCAULT, 2002, p. 135), e para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.

Torna-se, assim, segundo os ensinamentos de Foucault, mais produtivo investigarmos e nos questionarmos “o que tornou possível dizer isto, e não aquilo?” (FOUCAULT, 2002, p. 61). Tomamos o discurso para além dos signos que o constituem e procuramos, com a pesquisa, a constituição de uma natureza do Pampa enquanto prática que é capaz de constituir esse próprio “objeto”.

Nisso, a análise da fabricação de natureza para o campo de saber da educação ambiental pode ser uma contribuição interessante para pensarmos nosso próprio tempo em suas estéticas da existência. Estudando vários artefatos midiáticos[3] – fotografia, cinema, revistas de variedades, histórias em quadrinhos, campanhas publicitárias e letras de músicas – com foco na produção discursiva da educação ambiental, vimos a recorrência do tema relacionado à problemática ambiental. Nas últimas décadas, a produção artística tem pautado de forma contundente a temática ambiental.

Percebemos a arte como uma fabricação cultural, na qual cada grupo social vai sugerir um valor e uma definição particular. Assumimos a ideia de que é no arranjo histórico de uma composição cultural que os sujeitos, em espaço-tempo definido, se fazem ser enquanto potência criativa. A partir de Nietzsche, entendemos a arte como uma grande provocação à própria vida:

> [...] enriquecemos todas as coisas com nossa própria plenitude: o que enxergamos, o que queremos, enxergamos avolumado, comprimido, forte, sobrecarregado de energia. Nesse estado, o ser humano transforma as coisas até espelharem seu poder – até serem reflexos de sua perfeição. Esse ter de transformar no que é perfeito é – Arte. (NIETZSCHE, 2006. p. 68).

Assim, vamos trazendo a arte como potência da ordem da vida, em que os gestos mais prosaicos e cotidianos podem verter o artístico, enquanto experiência estética. Na perspectiva proposta pelo filósofo alemão, descrevemos a potencialidade da arte enquanto possibilidade de contrapor as verdades instituídas. Nesse sentido, trazemos a educação ambiental como estratégia para focarmos o olhar diante das nossas mais diferentes manifestações. Queremos, com isso, colocar em discussão a arte – enquanto potência de vida – em diálogo com o campo

3Sendo o artigo aprovado, colocaremos aqui referências de produções realizadas no interior do Grupo de Estudos.

de saber da educação ambiental, que se propõe a pensar e analisar o contexto socioambiental através de nossas formas de organização cultural.

Independente do espaço-tempo a que podemos nos referir, entendemos que o ato de viver pode ser traduzido como arte, na medida em que há sempre uma relação estética e uma experiência estética implicada. A vida vai transformando-se e manifestando-se em relações estéticas e expressivas. Alinhados com a perspectiva estética que provém da tradição trágica, retomada por Nietzsche como crítica da modernidade, encontramos em Pereira (2011) uma boa forma de expressão daquilo que tratamos aqui como experiência estética:

> A experiência estética inicia quando tudo o que sei e tudo o que tenho sido já não bastam e o mundo apela por ser inventado. Ali onde, para as formas tradicionais de racionalidade, é o fim-do-mundo, porque não há palavras, não há forma possível de expressão, não há mais explicação, quando a gente não entende mais nada, ali onde o mundo acaba é que começa o percurso e o processo de criação (Maillard, 1998: 252). Trata-se de aprender uma outra forma de racionalidade, a razão estética: aprender a viver conscientes das ficções que criamos; aprender a palpar o vazio – não o vazio como ausência, desaparecimento, fim ou morte de algo, mas, ao contrário, como origem, como porvir, como um perpétuo não-ser-mais ao lado de um não-ser-ainda, um não-ser-isso ou um não-ser-eu ao lado de um ser-quase. (PEREIRA, 2011, p.121-122).

Cotidianamente, exercitamos nosso olhar em gestos que podem ser caracterizados como estéticos: diferentes processos culturais com diferentes olhares ou diferentes construções de sentido. O filósofo Michel Foucault, trazendo a possibilidade de existência como experiência estética, questiona o entendimento de arte instituído na cultura ocidental:

> O que me impressiona é o fato de que em nossa sociedade, a Arte se tenha tornado algo relacionado somente a objetos e não a indivíduos, ou à vida. Esta Arte é algo especializado ou fornecido por “experts” que são os artistas. Porém, a vida de cada pessoa não poderia se tornar uma obra de Arte? Por que a lâmpada ou a casa pode ser uma obra de Arte e a nossa vida não? (FOUCAULT, 1995, p. 50) [grifo do autor].

Nessa esteira, nos inquietamos sobre o que a arte nos provoca e, explorando o sentido dela no campo da educação ambiental, chegamos à seguinte indagação: para que serve a arte? Partindo da forte presença da cultura na constituição de sujeitos, na produção e no consumo, bem como na regulação das condutas sociais, tomamos as produções culturais enquanto artefatos. Esses

artefatos culturais carregam em si uma pedagogia, no sentido de ensino. Tal ensino pode ser discutido a partir de algumas ferramentas da análise do discurso proposta pelo filósofo Michel Foucault. Somando esse exercício analítico ao entendimento da arte como prática cultural, pode-se pensar sobre a forte presença que essas formações discursivas têm sobre a temática socioambiental.

Nesse sentido, problematizar algumas verdades instituídas, buscando ampliar as possibilidades de entendimento sobre natureza e cultura, tornou-se desafiador – tema que vem se constituindo de forma marcadamente dicotômica. Ampliar essas possibilidades equivale a colocar algumas dessas verdades instituídas em suspenso; extrapolar a relação simplista feita sobre a figura humana e do ambiente que comumente é apresentada nos mais variados artefatos culturais (HENNING, 2017).

A arte, como prática cultural e, ao mesmo tempo, experiência singular, também institui formas de ser e estar no mundo e queremos destacar aqui, a prática cultural da fotografia que através do imagético proporciona um movimento de poder, de expressão e de abertura a muitas possibilidades estéticas. Assim, é possível transformá-la em intercessores[4] para pautar as questões de nosso tempo, expressando e questionando as relações socioambientais, questionamentos que fundamentam a razão da própria EA.

Assim, nos perguntamos, de que forma a potência da arte nos ensina sobre ambiente, sociedade, natureza e cultura. E ainda, queremos destacar neste artigo, alguns ensinamentos sobre natureza e cultura que estiveram em jogo dentro do material fotográfico analisado na pesquisa.

Selecionamos então, duas imagens dentre as análises realizadas pela pesquisa que nos trazem a relação entre natureza-cultura, seja em movimento de apartamento e separação, seja em movimento de imbricação. Conexões e/ou desconexões; separações e/ou entrelaçamentos que nos fazem pensar em modos

4 Os intercessores são, no pensamento de Deleuze, encontros que orçam o pensamento a sair da sua imobilidade natural. Para ele, os intercessores são a própria condição de possibilidade da criação, seja de afectos, perceptos ou conceitos. Sem eles, os intercessores, não há pensamento possível. “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.” (DELEUZE, 1988, p. 156).

de existência e invenções históricas com o tempo que vivemos. Trabalharemos com duas imagens, de dois livros de fotografias de natureza, respectivamente, dos fotógrafos, Zé Paiva (2008) e Luis Fabini (2012). Como objeto de análise, incluímos, ainda, trechos de entrevistas pertinentes a discussão deste artigo.

Pensando uma perspectiva estética de natureza no Pampa



Fig. 1: Paiva (2008, p. 112)

Por vezes, tomamos os discursos como tão óbvios e naturalizados, que já não nos provocamos mais com eles em novas experiências. O discurso de natureza – bastante presente e que a foto acima (figura-1) nos ajuda a pensar – pode ser um exemplo disso. Temos um registro de natureza, uma paisagem lírica e sublime. Há uma figura humana mirando essa paisagem; o homem está em primeiro plano, acima, no enquadramento. Encontra-se imóvel, mirando, contemplando. Há uma forma de representação de natureza do Pampa nesta fotografia. Como nos lembra Flusser (2009), as imagens produzidas por aparelhos – que ele vai chamar de imagens técnicas – diferenciam-se das imagens tradicionais, no sentido de que as primeiras vão conceber imagens que vão imaginar o mundo. “O que vemos ao contemplar imagens técnicas não é ‘o mundo’, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem” (FLUSSER, 2009, p. 14-15) [grifo do autor]. Também, ainda desse autor, as fotografias são vistas como imagens, como superfícies que transcodificam o processo em cenas.

Entendemos a fotografia como um elemento que participa de estratégias discursivas históricas e, portanto, colabora na legitimação ou não de alguns discursos tomados como verdades. Sobre a imagem acima, pensamos em como a mesma nos ensina e em que condições se fabrica. Como uma construção discursiva, buscamos descrever relações (abaixo), definir unidades, identificar elementos. Um trato com o documento fotográfico numa perspectiva de história do presente, que "procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações" (FOUCAULT, 2002, p. 7).

Que natureza é trazida nesta fotografia? O fotógrafo nos coloca diante do imagético, em que uma paisagem pouco modificada pelo ser humano é destacada. Ainda, temos a figura humana num plano superior e, ao mesmo tempo, a imagem nos reporta ao imenso de uma paisagem diante da figura do humano. O homem, na figura masculina, observa a imensidão desse Pampa, dessa Natureza Gaúcha, como é o título do livro do qual a foto faz parte. O homem faz parte dessa natureza? Ou está como observador (apartado e superior)? Dizemos que ele compõe essa natureza, mas é significativa sua posição na imagem. A posição assumida pelo ser humano diante da condição de ser natureza é trazida por vários autores que vêm estudando a história de natureza.

Na conversão de natureza em cultura, podemos ver, em autores como Thomas (1988), o predomínio do homem sobre o mundo animal e vegetal, sendo nessa dita dicotomia (entre outras) que a modernidade se firma. O homem e o animal; o céu e a terra; a alma e o corpo; a natureza e a cultura são percepções e entendimentos que firmam um modo de atuação humana em sua história moderna. Daí, podemos pensar em outros binarismos, como terra natural ou terra tratada; campo ou cidade; progredir ou preservar; desenvolver ou sustentar. Traços culturais que nos levaram a pensar num modo de ser antropocêntrico, que marcam as histórias dos povos ocidentais na modernidade e que se fazem presentes, também, na história de natureza do Pampa.

Entrevistando o fotógrafo acima, seu entendimento sobre o sujeito do Pampa e sua percepção de natureza, foi percebida a dicotomia entre campo e cidade, evidenciando:

> Olha, na cidade, e mesmo no Pampa, nas cidades do Pampa, a pessoa... já tá mais desconectada, porque a cidade acaba te colocando nesse sistema... de... Eu tô doente? Vai na farmácia. Né? Precisa de água, abre a torneira. Ah, de onde vem a água? Não sei, parece que tem uma represa, não lembro bem onde, né...então assim, **as pessoas que vivem no campo e que plantam, ou que, criam gado, essas, elas têm que tá conectadas com a natureza**. Não é? Então, é uma questão de... não é muito de opção... é uma questão de necessidades... assim... Elas têm que saber a época de plantar tal coisa, de colher tal coisa, e têm lá no seu quintal, geralmente têm umas plantinhas pra fazer seu chá, um *júju* né, como eles falam... botam *júju* no chimarrão... que já é bom pra não sei o que... então **eu acho que a nossa, a tal da cultura globalizada ela favorece a desconexão com a natureza**. Não tenho a menor dúvida disso né... (PAIVA, Entrevista, 2016). [grifos nosso]

Se pensarmos que a globalização, trazida por Zé Paiva, é um fenômeno moderno, vamos lembrar do que já apontava Thomas (1988), quando dizia que a civilização moderna se assenta em contradições, muitas vezes conflitantes como as posições assumidas diante de “ser cidade” ou “ser campo”, algo que pode ser encarado como novo na história da humanidade. Nunca fomos tão urbanos e tecnológicos como na modernidade. Diante disso, novos modos de ser e viver são fabricados, novas estéticas frente ao ser e estar no mundo vão se produzindo e se transformando nessa trajetória moderna.

Há, na composição desta fotografia, um conjunto, e o humano o compõe. Contudo, a posição é de destaque: superior e contemplativa. Isso também nos reporta à dita dicotomia entre campo e cidade. Pensarmos em contemplação pela associação com o fato de sermos modernos. Ou seja, diante do acentuado processo de urbanização moderno, fabricaríamos um modo mais contemplativo de nos relacionarmos com o campo. Isto, relacionado a desconexão apontada no dito acima de Zé Paiva, referindo-se ao sujeito da cidade. Considerando o que o fotógrafo nos traz, tal contemplação não chama muita atenção no mundo do campo. O sujeito do campo estaria mais longe do “sistema” que provoca essa desconexão e que se faz mais comum na cidade.

Tais colocações também nos reportaram para Borsche (2011, p. 120) que, na esteira de Nietzsche, nos lembra que “a natureza apenas é suportável como fenômeno estético”. Entendemos que a dita conexão ou desconexão são construções históricas que posicionam o sujeito pampeano. Então, nesse jogo de forças em que se faz a natureza, o ser humano (independentemente de ser da cidade ou ser do campo) fabrica estilos de agir. Vamos “suportando” essa natureza,

à medida que vamos direcionando nosso pensamento, nossa maneira de ser e participando esteticamente dessa correlação de forças.

Então, o que tomamos por aproximação ou conexão, afastamento ou desconexão com a natureza é produto da trajetória humana em sua história. Entendemos as conexões e as desconexões como relações, nas quais estabelecemos as representações de cultura e de natureza criando verdades, conforme o tempo-espaço em que vivemos. Nessa produção, como já foi colocado, vamos fabricando os discursos em maneiras de ser e estar que traduzem pensamentos ou experiências.

Lembramos Veyne (2011, p. 28), considerando que a experiência pode ser (inclusive) uma maneira de pensar. O autor coloca que “não há experiência que não seja uma maneira de pensar”. Na fotografia em questão, notamos a posição do homem, com o corpo imóvel, olhar ao longe, onde identificamos uma mirada de observação. Uma posição que nos remete ao olhar fixo na paisagem, um olhar que aprecia. Um olhar que contempla. Associamos esse sujeito mais contemplativo à possibilidade de outra ordem de relacionamento. Uma possibilidade de relacionar-se consigo e com seu mundo em outro tempo, diante das chamadas da modernidade, ou como trouxe Zé Paiva, diante do mundo globalizado. Talvez um sujeito de experiência, como aponta Larrosa (2002). Sobre esse autor e suas considerações sobre o sujeito da experiência, temos que:

> [...] seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2002, p. 19).

O sujeito da experiência se abre em possibilidades, suspendendo juízos, opiniões e vontades. Se considerar que esse sujeito moderno, da cidade, no dito de Zé Paiva, está mais distante da conexão com a natureza, também podemos considerar que no campo, como ele disse, há maior conexão.

Em tal pista, podemos buscar elementos para ajudar no entendimento atual do que temos por conexão e desconexão, no sentido de que, com o avanço do

processo de urbanização, os vínculos entre campo e cidade (ou o rural e o urbano) talvez tenham, acentuadamente, ficado mais distantes. Com isso, foi sendo fabricado o entendimento romântico de que, voltando ao campo ou o visitando, estaríamos em felicidade e alegria. “Refrescar as ideias em meio às flores e ao verdor”, aproximando-se do sentido contemplativo que foi abordado neste texto; um sentimento romântico de que o campo pode possibilitar bem-estar (PINHO JUNIOR, HENNING e VIEIRA, 2019).

Cabe mencionar, aqui, que o campo também é visto, diante das dicotomias já citadas, como fonte de recursos na modernidade, o que proporciona, também, um interesse pelo seu domínio, apropriação, exploração e uso. Um campo que se transforma em terras cultivadas, aradas ou mesmo jardins, uma natureza domada, como aponta Carvalho (2002), referindo-se à relação das pessoas com a natureza na modernidade.

Assim, a natureza como domínio, classificada enquanto formas de usos e utilidades, vai legitimando-se como discurso de uma época; ao mesmo tempo que, esteticamente, ainda foi sendo inventada uma valorização da natureza como fonte de equilíbrio e reabilitação. Muito impulsionada pelo movimento do romantismo a partir dos séculos XVIII e XIX, há um contraste evidenciado, nesse período, entre os rigores e insalubridades do urbano industrializado em relação ao lirismo do campo. Há o mundo urbano das máquinas, fumaças, aglomerações e comércios; e o campo, com sua ordem natural e reabilitadora, desde que seja uma natureza domada, e não, “selvagem”. Também nos lançamos em análise, com o que nos provoca o fotógrafo Luis Fabini, com a fotografia abaixo (figura-2). Um possível entrelaçamento entre natureza e cultura. Uma natureza atravessada pela cultura registrada pelo autor.

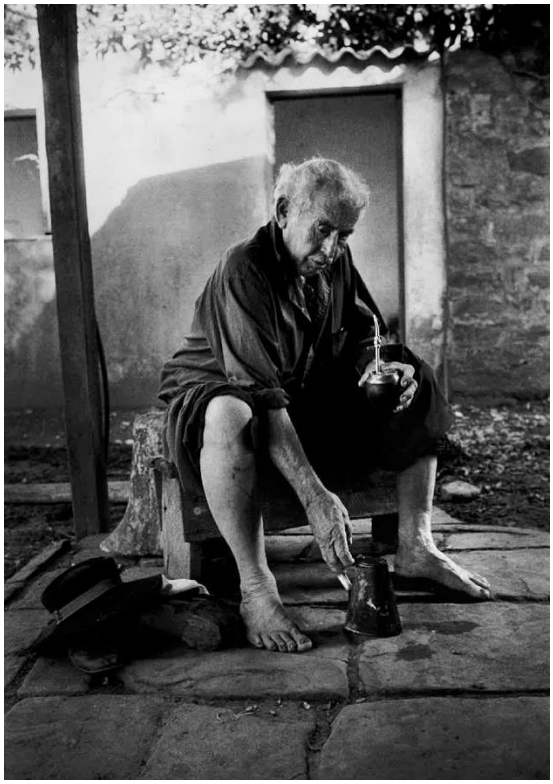


Fig. 2: "Don Paulino Dofrechu tomando mate antes del almuerzo".
Fabini (2012, p. 130)

Essa imagem nos ajuda a pensar numa construção pampeana, em um conjunto de elementos que o fotógrafo toma como "ser gaúcho"; "ser Pampa"; "ser natureza". O elemento humano, presente na fotografia uruguaia, tem os pés em contato direto com o chão, os pés diretamente nas pedras e, também, o homem se encontra "dentro" de uma sombra. Fabini diz que entende o Pampa,

> [...] nas suas conexões com a terra. Com sua conexão entre os animais e com sua geografia [...], nós gaúchos, nós somos parte do Uruguai mais austeros, mais áridos [...], os uruguaios são mais anarquistas, creio que somos autênticos, nos tratamos a todos iguais, na forma de ser não há diferenças... o Uruguai não tem religião, a religião está separada do Estado a muitos anos... então, o gaúcho a religião do gaúcho é mais a natureza... nesse sentido somos mais livres... é isso... (FABINI, 2017, Entrevista).

Queremos destacar a relação que Fabini faz entre um Pampa, uma natureza, um tipo humano e algumas conexões que se caracterizam a partir da terra ou dessa terra do Pampa. A terra está como um elemento que vai conectar os outros elementos. É o fotógrafo que diz: "Isso é o que vejo, o basalto, há uma conexão dos animais com sua geografia... como o basalto... o caráter do gaúcho... o caráter dos uruguaios... somos particulares, mais austeros e mais livres" (FABINI, 2017,

Entrevista). Uma relação entre cultura e natureza, na imbricação entre religião e natureza. Um sujeito que é representado, assumindo uma religião (*religo*), um agir preciso sobre essa natureza. Relacionando o dito com o que a imagem acima nos trouxe, apontamos que a relação com a terra se destaca e há o caráter constituinte desse processo, o qual desenvolvemos um pouco mais a partir de agora.

Deleuze e Guattari (1992, p.103) nos ensinam que "pensar se faz antes na relação entre o território e a terra", lembrando-nos da potência que um ambiente exerce e, mais que isso, alegando que há movimento no e sobre o espaço. Um movimento infinito de estar sobre a terra e de pensar: pensar é estar sobre a terra, territorializar-se, desterritorializar-se e reterritorializar-se nesse espaço. Ainda:

> A terra não é um elemento entre outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território. Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios. São dois componentes, o território e a terra, com duas zonas de indiscernibilidade, a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território). Não se pode dizer qual é o primeiro. [...]. (DELEUZE, 1992, p. 103).

Há uma infinidade de movimentos sobre um solo, em um determinado ambiente. Pensar é estar na terra e, também, relacionar-se com ela. Ocorrem diagramas de possibilidades, de intensidades e onde as verdades são contingentes. Não há transcendência, e sim, imanência, sem verdades absolutas e fixas. Imanência como o horizonte dos acontecimentos (DELEUZE, 1992).

Assim, os territórios se sustentam em conceitos a partir de personagens que efetuam territorializações e desterritorializações. Para Deleuze e Guattari (1992) os personagens conceituais são acontecimentos. O autor ainda nos diz que os conceitos são territórios, e não objetos. Entendemos que todo conceito tem sua história e que se constrói em relação com outros conceitos.

Quando trazemos a territorialidade pampeana como uma composição histórica, queremos nos referir a essa relação com a terra, num manejo, numa maneira de ser e viver que se opera em conceitos/territórios. Para além de acontecimentos que são pegos pela história como sucessão e que não são o interesse aqui, tentamos ir ao encontro daqueles que podem escapar à história, como disse Deleuze (2010).

Ou seja, procuramos captar, de um acontecimento, seu estado de coisas, mas entendemos que o acontecimento em seu devir escapa à história; colocar as lentes sobre ela, procurando as condições daquilo que vem sendo tomado como verdade. Como nos disse Foucault (2008), o desafio é distinguir os acontecimentos e analisá-los em sua engrenagem, como se engendram e se ligam.

Quando o fotógrafo Fabini nos fala acima da conexão dos gaúchos com a terra, de sua relação com a terra, e a natureza sendo a religião deste gaúcho, ficamos implicadas em pensar novamente na fotografia apresentada acima pelo autor. Que relação se coloca nessa imagem? Que conexão podemos trazer a partir da imagem e de seu dito? Que natureza está aí colocada? Destacamos a posição central do gaúcho no cenário e sua atuação nesse conjunto. Temos um homem pensando, colocando-se mais à vontade, pés em contato com o chão, sem chapéu, roupas mais descontraídas e tomando mate. Pausa para descansar, pausa para matear, pausa para "pensar". Fabini ainda diz que a natureza é a religião dos uruguaios.

Tomamos a religião na sua etimologia, como forma de agir, em que nossa atuação pode ser capaz de harmonizar ou desarmonizar o universo. Relacionamos ao sujeito que se conecta com e entre os elementos da imagem, da natureza. Que natureza? Fabini coloca esse humano ligado à natureza ou conectado com ela, mas, ainda assim, destacamos que não é um humano apresentado como natureza, mas ligado e conectado a seus elementos. Aqui, nos concentramos no que Fabini nos indica como natureza – numa natureza que compõe suas fotografias. Nesse caso, temos, entre outros elementos, um elemento humano em tempo de pausa, em pensamentos. Um gaúcho no aconchego da casa, pensativo, talvez. Fabini nos traz a representação da cultura do gaúcho nesta cena, a cultura representada na fotografia, a qual está imersa no que chama de natural (o que nos faz pensar que esse natural é trazido como cultural). É, então, uma trama importante para o campo da educação ambiental, potencializando-se a partir do pensar nas posições de sujeito que vamos assumindo.

As fotografias nos ensinam: temos, nessa pedagogia do olhar, uma forma de como vamos nos educando para olhar o ambiente. Sendo assim, vemos a importância de evidenciar a potência do entrelaçamento que se faz entre cultura e

natureza. A fotografia educa para possíveis educações para o ambiente, sendo um desafio para nós, educadores ambientais, que podemos pensar num sentido interessante – na esteira de Nietzsche (2008), a natureza está em transformação em suas manifestações, implicando, inclusive, em fazer cultura. Uma natureza em ascensão, como ação/devir.

Esse jogo de poder, apontado por Nietzsche (2008), a vontade de potência, com suas forças ativas e reativas, produzindo e resistindo num círculo constante, tornam o mundo ou a natureza um eterno devir, o que ajuda a posicionar um pensar sobre a condição de natureza que se fabrica no Pampa, ficando assim, a provocação para que possamos pensar em como nos posicionamos e agimos esteticamente em relação ao que tomamos por natureza e como, na modernidade, vamos produzindo formas de entendimento com o natural. Barros (2011, p. 142) nos deixa atentos quando diz: “a aproximação entre natureza e cultura é fundamentalmente estética, e não natural”.

Ou seja, apesar da materialidade do natural, o que dizemos de natureza é sempre uma representação dela, a qual está associada à cultura legitimada e tomada em suas verdades. Todavia, nem cultura, nem natureza poderão ser buscadas como essências. O autor nos coloca: “[...] são produtos da criação humana e devem ser consideradas como remetidas a esta” (BARROS, 2011, p. 142). Ponderamos que a relação entre natureza e cultura não seja de separação, mas como relação de passagens, de atravessamentos e de manifestações.

Há uma dinâmica permanente. Tais ideias nos estimularam a buscar e pensar acerca do que Nietzsche indica sobre natureza. Com o filósofo, pensamos que ela também implicaria em fazer cultura, pois em si mesma tem suas mudanças, transformações e trajetórias dadas pelas próprias relações que aí se estabelecem e que são determinadas nos jogos de força dessas relações (NIETZSCHE, 2008). O autor também nos leva à reflexão sobre o mundo, sua condição, seus mecanismos, sua provisoriedade, discorrendo que o mundo é vontade de potência.

O mundo da vontade de potência, apresentado por Nietzsche, nos possibilita continuar a pensar e querer problematizar os possíveis discursos de natureza no Pampa para além de uma abordagem essencialista. Nessa relação entre cultura e natureza como construções de um espaço-tempo, cabe procurar os seus

agenciamentos; mas, antes disso, pensar no fluxo constante de forças que aí se estabelecem e formam esse discurso de natureza no Pampa.

Aqui, o intuito foi mobilizar o pensamento para a seara da educação ambiental, tensionando nossos modos de existir na relação entre cultura e natureza no entrelaçamento entre ditos e fotografias numa fabricação de natureza. Buscamos provocações sobre o modo como pensamos e constituímos nossas verdades.

Finalizando

Pensar o que tomamos por arte e de como algumas práticas culturais participam de construções discursivas se torna potente para o entendimento e posicionamento que assumimos sobre nós mesmos e o mundo. Assim, destacamos alguns ditos e não ditos sobre natureza na territorialidade do Pampa.

Para tanto, focamos o olhar a partir do campo de saber da educação ambiental que pode ser impulsionador do pensamento, como exercício da suspeita e da problematização. Uma provocação ao pensar como vimos pensamos e em como nos constituímos; uma educação ambiental pelo viés da estética, que possibilite pensar o impensado e estimule um agir sobre nossa ação, uma provocação que possa desafiar o instituído e, quem sabe, transvalorar o que está dado.

A arte tem muito a nos ensinar, sobretudo quando assumida como experiência estética singular e não como valor transcendente ou universal. O que podem essas fotografias? O que pode o olhar de seus criadores sobre as imagens criadas? O que podem suas palavras sobre as imagens? O que podemos nós no encontro com elas? Pensar a educação ambiental no diálogo com a arte pode nos levar à criação de outras estéticas e potências do pensamento. Uma educação ambiental que não se preocupa em definir a *melhor* ação ecológica, mas uma educação ambiental que aposta no pensamento e nas experimentações estéticas, no encontro com outros modos de vida, menos prescritivos e mais problematizadores das verdades que se cristalizaram no pesado tempo da história. Essa é nossa aposta: fazer história do presente!

Pensar a estética da existência. Problematizar modos de vida. Assumir lugares, deslocamentos, movimentos impulsionados pela arte. Pensar a arte como potência de vida. Vidas que se assumem nos jogos da verdade. Tomar a educação,

e aqui neste artigo, a educação ambiental, em suspeita e ampliar as condições de enunciabilidade e visibilidade. Nos provocarmos a criar outras condições de possibilidade para a existência.

Uma educação ambiental que problematize e se proponha a diagnosticar nosso tempo, que aposta numa multiplicidade de vias possíveis na circulação entre o político, o ético e o estético, pois não há um sentido único. Entendendo que a analítica da relação entre cultura e natureza pode dar-se em caminhos de experiência, assim nos assumimos, enquanto agentes da educação. A educação como espaço possível de fabricação e invenção, no impulso de constantemente colocarmos em xeque como estamos nos (trans)formando e vindo-a-ser outros possíveis.

Referências:

BARROS, Roberto. Naturalização da cultura ou ocidentalização da natureza?. In: LINS, Daniel (org). *Nietzsche / Deleuze: Natureza / Cultura* São Paulo: Lumme, 2011.

BORSCHE, Tilman. Qual Natureza nós queremos? In: LINS, Daniel (org). *Nietzsche / Deleuze: Natureza / Cultura*. São Paulo: Lumme, 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura de. *A Invenção Ecológica:* narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição.* Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FABINI, Luis. *Gauchos*. Uruguay: Pressur Corporation AS, 2012.

FISCHER, Rosa. *Trabalhar com Foucault:* arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta*: ensaio sobre uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 2008.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. Apêndice da 2ª edição. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In.: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HENNING, Paula Corrêa. Límites y Posibilidades de la Educación Ambiental. *Bajo Palabra*. 11Época, n.º 17, p.341-358, 2017. Disponível em: https://revistas.uam.es/bajopalabra/article/view/8808. Acesso em 02 jul. 2020.

LARROSA, Jorge Bondía. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: Revista Brasileira da Educação. Nº19. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos ou Como Se Filosofa Com o Martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de Potência*. Porto Alegre: Editora Globo, 2008.

PAIVA, Zé. *Natureza Gaúcha*. São Paulo: Metalivros, 2008.

PEREIRA, Marcos Villela. *Contribuições para entender a experiência estética*. Rev. Lusófona de Educação, Lisboa, n. 18, p. 111-123, 2011. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502011000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 fev. 2021

PINHO JUNIOR, Sérgio Ronaldo; HENNING, Paula Corrêa; VIEIRA, Virgínia Tavares. A natureza entre o rural e o urbano: educação ambiental e fabricação de um discurso nas HQs do Chico Bento. *Quaestio*, Sorocaba, SP, volume 21, n. 1, p. 117-136, jan./abr. 2019. Disponível em http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3512. Acesso em 2 jul 2020

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VEYNE, Paul. *Foucault:* seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.